Pagando Dizímos ao Senhor

Pagando Dízimos ao Senhor

(Paying Tithes to the LORD-Portuguese Language)

PUBLICAÇÕES A AURORA — DAWN

Estão obrigados os cristãos dar uma décima parte de seu salário a igreja?

Que disseram Jesus e seus apóstolos a respeito de pagar os dízimos?

Pagando Dízimos ao Senhor

"Trazei todos os dízimos a casa do tesouro e tenha alimento em minha casa; e provai-me agora nisto, diz Jeová dos exércitos, se não abrir-vos-ei as janelas dos céus, e derramarei sobre vós bênção até que superabunde". — Malaquías 3:10

A palavra "dízimo" é a tradução de uma palavra hebraica utilizada no Antigo Testamento que significa um "décimo". A primeira vez que aparece na Bíblia é no relato que fala de Abraão pagando dízimos a Melquisedeque. (Gên. 14:20; Heb. 7:2, 4, 6) A seguinte vez é quando nos diz que Jacó, após sua visão em Luz, promete dar uma décima parte de sua propriedade a Deus no caso que ele regresse são e salvo a sua terra. (Gên. 28:22) Não há nada nas Escrituras que indique que nenhum destes patriarcas recebesse instruções especiais da parte do Senhor quanto porcentagem de seus pertences que deveriam lhe dar. Não há nenhum registro nas Escrituras de uma lei concernente ao dízimo antes daquele tempo.

A seguinte referência bíblica no tocante ao dízimo é quando a lei com respeito a este foi posta em vigor. O relato encontra-se em Levítico 27:30-33. Segundo esta lei, uma décima (em hebraico, *mahaser*) parte de tudo o que superbundava devia lhe dar aos

levitas, quem a sua vez deviam dar um décimo do que recebiam para o apoio do sumo sacerdote. Isto não quer dizer que os levitas eram uma classe especialmente favorecida de clérigos que viviam sem trabalhar. Deve recordar-se que a tribo de Leví não se lhe foi dada nenhuma herança terrena quando a terra de Canaã foi dividida por Josué entre as tribos de Israel. Eles foram escolhidos para ser os servos das outras tribos com respeito às coisas que pertenciam a Deus, e esta foi a maneira pela qual Deus os provia materialmente para que pudessem estar livres para se dedicar sem reserva a sua obra.

Outro arranjo quanto ao dízimo que fez Deus com Israel típico se registra em Deuteronômio 12:5-18. Neste caso, uma décima parte de todos os produtos deviam se levar as cidades para utilizá-los numa festa especial de ação de graça — uma festa à qual os levitas, bem como os pobres, foram convidados. Os que viviam demasiado longe das cidades onde não lhes era prático levar seus produtos a festa, podiam vender a décima parte destes e usar o dinheiro para comprar dos vendedores da cidade sua contribuição a festa.

Segundo a lei dada a Israel não se proveria nenhuma penalidade para os que não conseguiram observar corretamente estas leis concernentes ao dízimo. Aparentemente, até certo ponto era um assunto voluntário; ainda que, como se sugere em nosso texto, parece provável que o Senhor retinha bênçãos para os israelitas de acordo com seu fracasso em cumprir com esta lei, como o fez quando eram infiéis em outras coisas. Isto se baseava no princípio de que se aproximavam a Ele em fidelidade a seu pacto, Ele se aproximava a eles e outorgar-lhes-ia ricas bênçãos para sua paz e alegria.

Não É Obrigatório Para Os Cristãos

O pagar o dízimo não se menciona no Novo Testamento como uma obrigação cristã. No entanto, ainda se praticava por

Israel durante o tempo da primeira vinda de nosso Senhor já que ele faz referência à hipocrisia dos fariseus que eram tão meticulosos exteriormente em pagar o dízimo, mas ao mesmo tempo seus corações estavam tão longe de Deus. (Lucas 11:42; Mat. 23:23) Em Hebreus 7:2, 4, 6, o apóstolo faz referência ao relato onde Abraão pagou dízimos a Melquisedeque; mas, apesar disto, o tema não se menciona mais no Novo Testamento. Por isso, é estranho que alguns grupos religiosos, como os Adventistas do Sétimo Dia e os Mórmons (A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), imponham esta lei sobre seus membros como uma obrigação cristã.

É verdade que qualquer organização de homens e mulheres tem o direito de fazer qualquer arranjo que lhes apraz para apoiar sua causa. Os franciscanos e outros grupos semelhantes exigem "quotas" que devem ser pagas pelos que desejam ser membros de boa reputação em suas organizações. Assim que sobe a mesma base um grupo religioso tem o direito de dizer que seus membros têm que pagar um décimo de seu salário para o suporte da igreja. Mas, quando se impõe um arranjo como tal sobre os crentes com a pretensão de que os que não cumprem com isso estão desobedecendo a Deus, então isto é um abuso da devoção de coração dos que, sem o suspeitar, estão induzidos a achar que pagar o dízimo é uma obrigação sagrada para todos os cristãos.

Se não fosse pelos muitos exemplos exitosos de engano apresentados a nós na história eclesiástica, não perguntar-nos-íamos como é possível que alguém se submeta a este engano de pagar o dízimo. Tomada, por exemplo, a doutrina do tormento eterno. Como já sabemos, não há nenhum apoio bíblico em absoluto para esta; no entanto, pensa nos milhões que foram induzidos a crer nela, e o temor que esta tem instilado nos corações das pessoas que pensam que provem realmente de Deus.

Muitas vezes as teorias são aceitas pelas pessoas porque são repetidas com muita freqüência e com dogmatismo. Podemos dar

por certo que uma idéia se ensina na Bíblia, raciocinando que se não fosse assim, então não estaria proposta com confiança pelos que supomos que estão em condições de saber a verdade. Houve um tempo quando as Bíblias não estiveram disponíveis para o uso geral das pessoas, e claro, não teve outra coisa mais que crer o que lhe diziam. Mas, a situação é diferente agora. E, quanto à questão de pagar o dízimo, o único que alguém tem que fazer é consultar uma concordância exaustiva das Escrituras para aprender que nem Jesus nem nenhum de seus apóstolos disseram nenhuma só palavra a respeito de pagar o dízimo para o apoio do ministério.

Segundo Tenha Prosperado Deus

Em todo o Novo Testamento não se menciona muito a respeito dos assuntos financeiros da igreja. O Apóstolo Paulo arrecadou donativos voluntários das igrejas em Gálacia para o benefício dos irmãos pobres em Jerusalém e de sua vizinhança. Escrevendo aos irmãos em Corinto a respeito disto, Paulo disse, "Em cada primeiro dia da semana cada um de vós ponha aparte algo, segundo tenha prosperado, o guardando, para que quando eu chegue não se recolham então ofertas". (1 Cor. 16:2) Não há nada aqui que indique qual foi a porcentagem que iam pôr aparte, nem também não utilizaram o dinheiro para apoiar aos ministros da igreja.

Mais adiante na mesma epístola (1 Coríntios 9), Paulo escreveu que foi muito apropriado para os que serviam aos irmãos nas coisas espirituais ter suas necessidades físicas providas pelos que lhes serviam, não obstante, ele não esperava que os irmãos o fizessem. Evidentemente, Paulo sentiu um perigo em aceitar uma remuneração para a pregação do Evangelho. Isto seria um perigo já que alguém pudesse estar tentado a pregar só para comprazer aos que pagavam pelo serviço. Achamos que a decisão que fez Paulo foi muito sabia. E o que se deve notar especialmente é que a discussão deste tema foi uma ocasião idônea para recordar aos

irmãos de suas obrigações quanto ao dízimo; no entanto, ele não mencionou o tema.

Não estamos a sugerir que a regularidade em contribuir ao serviço do Senhor é algo mau. Pelo contrário! O efeito do sistema de dízimos sobre Israel, se tivesse sido levado a cabo fielmente por eles, tivesse ensinado as pessoas o espírito da generosidade, e se lhes tivesse inculcado um entendimento de suas obrigações para com Deus, e que todas as bênçãos que desfrutavam eram manifestações de seu carinho afetuoso para com eles.

A regularidade em dar dos cristãos deve ajudar a desenvolver o mesmo ponto de vista são para o serviço de Deus e para os que dependem deste serviço. O dar sistemático é uma disciplina proveitosa para qualquer pessoa que contribui, aumentando seu interesse na causa a qual serve, e tendendo a diminuir o egoísmo e o mundanismo. O que estamos a enfatizar não quer dizer que há algo mau em contribuir, assim seja um décimo, ou uma quantidade maior ou menor, senão que não existe nenhuma lei divina estabelecida para os cristãos que indique quanto devem contribuir, ou que diga que se não dão esta quantidade não possam ter uma boa reputação na igreja de Cristo.

Deus fala aos cristãos como se fossem seus filhos e não como se fossem seus serventes. Ele não nos diz, "Vocês devem", ou, "Vocês não devem", ao invés, Ele nos comunica sua vontade, e nos dá a oportunidade de cumprir voluntariamente com seus requisitos que se revelam por meio da verdade. Ele nos pôs sob a lei da liberdade e do amor. O que ama muito dará muito; enquanto o que ama pouco dará pouco; mas os que verdadeiramente apreciam a graça de Deus tratarão de crescer no amor.

Não obstante, devemos concluir que Deus não colocou nenhuma obrigação sobre nós quanto à quantidade que devemos dar? No que diz respeito a uma proporção estipulada isto é verdadeiro. Não estamos obrigados a dar uma décima, ou uma vigésima, ou ainda uma centésima parte de nosso salário com

referência a mandatos específicos. Mas, o cristão cujo coração está cheio de amor raciocinará que se fora apropriado que os israelitas segundo a carne dessem um décimo de seus salários para o serviço de Deus e de seu povo é ainda mais apropriado que nós quem somos a semente espiritual de Abraão, e que foram abençoados bem mais ricamente que a semente natural, também rendam uma ação de graças apropriada ao Senhor.

A atitude do cristão neste assunto foi expressa muito bem por Davi quando escreveu, "Que pagarei a Jeová por todos seus benefícios para comigo?" (Sal. 116:12) Como cristãos, quanto mais consideremos este assunto, quanto mais perplexos podemos estar razoavelmente com respeito em onde nosso dar deve terminar. Quanto mais nossos corações aprendem a apreciar as bênçãos do favor divino que foram derramadas sobre nós, quanto mais sentimos que dar um décimo seria demasiado pouco, e uma metade não atingiria a expressar o amor que enche nossos corações; sim, que ainda tudo o nosso seria completamente inadequado como uma oferta que pudesse se utilizar "para que anunci[emos] as virtudes daquele que [nos] chamou das trevas a sua luz admirável". — 1 Ped. 2:9

O Dar de Nós Mesmos

O Apóstolo Paulo reflete os sentimentos de cada cristão verdadeiro quando escreve, "Porque o amor de Cristo nos constrange, pensando isto: que se um morreu por todos, logo todos morreram; e por todos morreu, para que os que vivem, já não vivam para si, senão para aquele que morreu e ressuscitou por eles". (2 Cor. 5:14, 15) Quão poderosa é a influência do amor divino em nossos corações, transformando nosso ponto de vista! Em vez de perguntar-nos quão pouco podemos dar, vamos apreciar o privilégio que temos de dar. E estamos alegres quando encontramos a resposta na Palavra de Deus que não somente podemos dar tudo o que temos, senão que estamos convidados a nos dar a nós mesmos também, que nossas próprias vidas podem se

apresentar ao Senhor como sacrifício numa expressão de nosso apreço por tudo o que Ele fez por nós.

Paulo assegura-nos que Deus estará comprazido a aceitar tal oferta. Ele escreve: "Assim que, irmãos, vos rogo pelas misericórdias de Deus, que apresenteis vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus, que é vosso culto racional". (Rom. 12:1) A este convite nossos corações respondem, Amém! Amém! Dedicar tudo o que possuímos e somos em sacrifico é a única coisa razoável que podemos fazer em vista da grande misericórdia de Deus para conosco.

Foi este mesmo conceito de dar tudo sem reserva do que Jesus explicou ao jovem rico. "Anda, vende tudo o que tens", Jesus disse — nem um décimo, nem a metade, senão tudo — "e dá-o aos pobres". Ademais, Jesus convidou a este jovem de dar a si mesmo — "E vem, segue-me, tomando tua cruz". (Marcos 10:17-22) Nada menos que uma devoção completa de tudo ao Senhor é aceitável a Ele de parte dos que estão a prosseguir "a meta, ao prêmio do supremo chamado de Deus em Cristo Jesus". (Fil. 3:14)

Nenhuma Herança Terrena

A devoção completa do tudo do cristão no serviço de Deus está de acordo com as lições típicas pressagiadas pelos arranjos de Deus para a nação de Israel. Após sair do Egito, toda a tribo de Leví foi selecionada para tomar o lugar da classe dos primogênitos. Paulo, aludindo ao tipo, fala "da congregação dos primogênitos que estão inscritos nos céus". (Heb. 12:23) Em vista do fato de que os levitas foram substituídos pelos primogênitos, eles a sua vez, também seriam típicos "da congregação dos primogênitos".

Quando, sob a liderança de Josué, os israelitas entraram na Terra Prometida, e essa terra foi dividida entre as tribos, a tribo levítica não recebeu nenhuma herança — nenhuma porção da terra

foi dada a eles. Assim que eles chegaram a ser típicos dos desta idade que renunciam a sua herança terrena, para que seus nomes estejam inscritos nos céus, e que Paulo diz que isto é verdadeiro com respeito à "congregação dos primogênitos". O apóstolo também escreveu: "Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas de acima, onde está Cristo sentado a destra de Deus. Ponde olha-a nas coisas de acima, não nas da terra. Porque morrestes, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus". — Col. 3:1-3

Toda a tribo de Leví foi reservada para servir a nação nas coisas que pertenciam a Deus, e daquela tribo foi selecionado o sacerdócio — o sumo sacerdote e os subsacerdotes. Quanto à lição típica que se traz assim a nós, Pedro escreve, "Vós também, como pedras vivas, sede edificados como casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus. Mas vós sois linhagem escolhida, real sacerdócio". — 1 Ped. 2:5, 9

No tipo os sacerdotes ofereceram animais em sacrifício, mas o sacerdócio desta idade, da qual Jesus é a Cabeça, se oferecem a si mesmos — "Assim que, irmãos, vos rogo . . . que apresenteis VOSSOS corpos em sacrifício vivo". (Rom. 12:1) Pedro declara que podemos oferecer sacrifícios "agradável[eis] a Deus", e Paulo concorda em que se oferecemos nossos corpos em sacrifício, eles serão "santo[s], agradável[eis] a Deus".

O Sacrifício de Tudo
Não Somente um Décimo

Agora podemos ver a razão pela que um cristão não tem que decidir qual porcentagem de seu salário deve se dar ao Senhor. Como assinalado no tipo, e explicado tão claramente no Novo Testamento, não é um assunto de porcentagens, senão de tudo. Os Adventistas do Sétimo Dia e outros grupos religiosos que ensinam que a lei do dízimo é obrigatória para os cristãos farão bem ao examinar o tema desde este ponto. Devem notar que foram os das

onze tribos que trouxeram um décimo aos levitas, e que os levitas a sua vez deram um décimo do que receberam ao sumo sacerdote.

Na análise final, como vimos, os seguidores verdadeiramente fiéis de Cristo — os que de todo coração dedicam suas vidas em sacrifico a Deus e a seu serviço — são representados pelos sacerdotes de Israel. Se insistimos que a lei do dízimo é obrigatória para nós, nos pomos no campo de Israel, e entre os que recebem uma herança terrena; ou, talvez, entre os levitas em geral, quem ainda que serviam a Deus em conexão com o tabernáculo, não eram parte dos sacerdotes que faziam os sacrifícios.

Então, se almejamos ser parte do "povo adquirido", "pedras vivas" em seu templo espiritual, e uma parte também de seu "sacerdócio santo", não por-nos-emos sob a lei do dízimo; mas, confiando em Deus que Ele satisfará nossas necessidades materiais, estaremos em alerta constantemente procurando maneiras e modos de dedicar quanto mais possível nosso tempo, talentos, meios, e força para nos sacrificar na causa divina para que possamos demonstrar nosso apreço por sua graça maravilhosa para conosco.

O problema do israelita bem como de outros que consideram sua obrigação ao Senhor sobre a base de um décimo, se simplifica para o cristão, cujas obrigações absorvem todo salário e todo ganho de capital e labor, bem como o capital e o labor em si mesmos. Este pensamento expressa-se bela e biblicamente por aquelas estrofes bem conhecidas do poeta:

Toma minha vida e que seja,
Senhor, agradável a Ti;
Toma minhas mãos e que se movam
Ao impulso de Teu amor.

Toma meus pés e que sejam

Cedo em mandados, Senhor, para Ti;
Toma minha voz e que traga
Honra sempre o meu Rei.

Toma meus lábios e que sejam
Movidos com mensagens de Ti;
Toma minha prata e meu ouro;
Nada, Senhor, Te recuso.

Toma meus momentos e em meus dias;
Que fluam em louvor constante;
Toma meu intelecto e usa
Todo poder que Te compraza.

Toma minha vontade e fá-la Tua;
Já não será a minha;
Toma meu coração, ele é Teu;
Assim em meu, Te entronizes.

Toma meu amor, meu Deus;
Deixo A Teus pés meu tesouro;
Toma-me — Quero ser
Por sempre, só, tudo para Ti.

Foi este ponto de vista de devoção completa ao serviço de Deus da vida inteira e das posses que foi inculcado pelos ensinos e o exemplo de Jesus e dos apóstolos. Quando o Mestre chamou a seus discípulos para ser pescadores de homens, sabiam que o chamado significava o abandono de seu negócio secular de pescar. (Mat. 4:19; Marcos 1:17) Quando Saulo foi convertido no caminho a Damasco, e sua comissão lhe foi explicada depois, ele o viu como um privilégio de dedicar sua vida inteira ao Evangelho. Timóteo e Tito evidentemente viram o assunto da mesma maneira. Para todos estes discípulos primitivos conhecendo a verdade significava bem mais que meramente aceitar uma religião melhor.

Ele Nos Faz Administradores

Muitos desde os dias dos apóstolos também sentiram o significado verdadeiro do dar cristão — que exige nada menos que tudo o que temos e somos. De fato, todos os seguidores verdadeiros do mestre foram inspirados com esta visão do privilégio de sacrifício. Mas, ai, quão pouco a maioria de nós temos para dar! Quando nos fizemos cristãos muito de nosso tempo, de nossa força, de nossos talentos, de nossos meios já estavam sobe o contrato de outros. E há uma consideração de suma importância neste assunto, que é que enquanto temos o privilégio de nos sacrificar no serviço a Deus, não temos o privilégio de nos sacrificar para outros.

Não obstante, Deus aceita nosso sacrifício como se tudo isso pudesse ser utilizado diretamente em seu serviço; e faz-nos administradores do que lhe demos. Agora bem, se requer dos administradores, que cada um seja achado fiel. (1 Cor. 4:2) O desempenho de nossa administração requer a obediência estreita as regulações estabelecidas na Palavra de Deus e como se relacionam com nossas obrigações terrenas. Há que prover para os que dependem de nós, para nossas famílias. Há que os amar e os estimar. Temos que prover para nossas próprias necessidades temporárias e não podemos ser um fardo para os demais. Estas são as obrigações legítimas e bíblicas com as quais o Senhor quer que cumpramos, como administradores do que lhe pertence a Ele, antes que algo se utilize em seu serviço.

Quando nos damos conta como o Senhor quer que utilizemos o que lhe demos, a princípio possamos estar desanimados pelo pensamento de que há muito pouco que fica que se pode usar diretamente em seu serviço. Seja tempo, ou talento, ou meios, tanto requer-se para cumprir com nossas próprias obrigações que poderíamos nos perguntar razoavelmente por que está interessado o Senhor em tão pouco que lhe possamos dar. Mas, a Bíblia nos

prove de novo a solução ao explicar que tudo o que fazemos devemos o fazer como se o fizéssemos para Deus. (1 Cor. 10:31; Col. 3:17, 23) Podemos dizer que o Senhor aceita nossas obrigações como se fossem as suas, e que agora espera que nós, como seus administradores, cumpramos com estas obrigações não para nós mesmos, senão para Ele.

Que arranjo tão maravilhoso é isto! Significa que todo nosso tempo e força e meios podem se utilizar no serviço divino. E o Senhor quer que nós sejamos fiéis no desempenho de todas as obrigações que Ele conta como as suas, as tendo aceitado como hipotecas no que lhe entregamos. Para desempenhar estas obrigações sabiamente, e para usar o resto de nosso tempo, força, e meios, sejam poucos ou muitos, diretamente no serviço de Deus e para sua glória, é a prova da administração fiel.

O Amor e A Liberdade

Deus não exige que se lhe deva dar algo. Israel segundo a carne não foi forçada a pagar os dízimos. O privilégio foi-se-lhes dado sobre uma base voluntária. É verdade também de tudo o que damos ao Senhor. Como administradores do que lhe pertence, temos a liberdade de utilizar segundo os ditados de nossa própria consciência. Mas, se o amor enche nossos corações procuraremos a glória do Senhor em todas as coisas. Se falamos sério quando rendemos tudo ao Senhor, não utilizaremos agora, como administradores do que já não pertence a nós, mais do necessário em cumprir com as obrigações não diretamente associadas com o serviço do Senhor. Ao invés, estaremos induzidos a usar tudo o possível do tempo, da força, e dos meios, diretamente para Deus; lamentando ao mesmo tempo que fica tão pouco para Ele.

Não tinha nenhuma penalidade associada com o não cumprimento no pagamento dos dízimos de parte dos israelitas, no entanto, na providência do Senhor, a infidelidade de parte deles em

qualquer coisa resultaria em não receber as bênçãos materiais. Quando queira que lhes faltassem as coisas boas que o Senhor lhes tinha prometido, usualmente foi porque não conseguiram satisfazer sua parte no pacto que tinham concluído com Ele. É isto ao qual se faz referência nosso texto. No tempo da profecia de Malaquías os israelitas não estavam a ser abençoados por Deus como o queriam, e o profeta lhes estava a mostrar que tinham a culpa por esta experiência de escassez.

Por meio do profeta o Senhor pediu aos israelitas que o pusessem a prova, para o provar, e assim descobrir para si mesmos que se cumpriam com suas obrigações Ele cumpriria com as suas. Ele disse, "Trazei todos os dízimos a casa do tesouro . . . e provai-me agora nisto, . . . se não abrir-vos-ei as janelas dos céus, e derramarei sobre vós bênção até que superabunde".

O mesmo princípio funciona no caso do sacerdócio santo desta idade. Concluímos um pacto com o Senhor que exige o sacrifício de tudo o que temos em seu serviço, ainda em nossas vidas; mas Ele não nos obriga cumprir com aquele pacto. Somos nós os que decidimos como o pacto deve afetar o uso do que demos ao Senhor. Nenhuma penalidade imprevista cair-nos-á sobre nossas cabeças se não fazemos tal coisa ou outra. Deixa-nos livres para demonstrar por nosso próprio curso na vida o grau da sinceridade e da devoção que enche nossos corações. Assim que, até certo ponto, nos julgamos a nós mesmos.

Não obstante, ainda que Deus não tenta nos impor as obrigações de consagração completa do pacto, Ele observa nosso caminhar diário que lhe indica o grau de nosso amor e apreço por suas misericórdias e bênçãos. Sim, ao igual que Deus vigiava Israel para lhes dar bênçãos terrenas de acordo com sua fidelidade, da mesma maneira Ele nos vigia para outorgar bênçãos espirituais à medida que demonstramos nosso valor por elas ao "pagar-lhe nossos votos". — Salmos 116:14

Somos ricos no Espírito do Senhor? Estão cheias nossas almas com seu carinho afetuoso? Estamos a crescer na graça e no amor bem como no conhecimento? Podemos ver o sorriso de seu rosto transbordando seu amor sobre nós, e é tão brilhante esse sorriso que nos anima ainda que estamos a experimentar as provas de fogo? Se estamos alegrando-nos nestas bênçãos que podem ser as nossas só pela graça de Deus, é porque estamos a cumprir com nossa parte do pacto de sacrifício no qual entramos.

Se não estamos a ser abençoados por esta rica porção de graça divina, então é melhor que nos examinemos, cinjamos os lombos de nossas mentes e corações, e nos dedicamos de novo a Deus e a seu serviço. Se fomos temerosos de qualquer modo ao cumprir com nossos votos ao Senhor, que demonstremos energia renovada, comprando o tempo, já que deveras nos dias nos quais vivemos são iníquos.